

SILVA, José Nuno Ferreira da – *A morte e o morrer entre o deslugar e o lugar: Precedência da antropologia para uma ética da hospitalidade e cuidados paliativos*. Porto: Afrontamento, 2012, 480 p. Antropologia;17.

Já lá vão doze anos, decorria o ano 2000, que o Capelão do então Hospital de São João, o Padre José Nuno, percebeu que alguma coisa mais, de bem e de bom, poderia fazer-se no nosso Hospital. Reuniu, para isso, à volta da mesma mesa representantes da Direção Clínica, Direção de Enfermagem, Serviço Religioso, Serviço Social, Departamento de Educação Permanente, Comissão de Humanização, Comissão de Ética e Comissão de Qualidade e, com todos, construiu um Grupo de Trabalho que, então, se reunia periodicamente em torno de uma temática: "Ao encontro da identidade espiritual do doente"!

Relevando a espiritualidade como uma dimensão que, com outras e na sua própria especificidade, confere ao Homem uma real identidade, este Grupo de Trabalho, agora designado GTAEIED (Grupo de Trabalho Ao Encontro da Identidade Espiritual do Doente), tomou nos seus ombros, como Missão própria, a tarefa de contribuir para que na consciência dos profissionais de saúde despertasse esta visão integral do Homem, no qual desagua certamente o que, sofredor, habita o nosso hospital.

Realizou este GTAEIED, na Aula Magna da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, desde então, quatro processos de profunda reflexão: "Ao encontro da identidade espiritual do doente", "Nós e o morrer no Hospital" (com a participação de Marie de Hennezel), mais tarde, "Cuidados paliativos: a exigência de um encontro", onde se abordou a medicina de acompanhamento e, finalmente, "Humanizar(-se): um compromisso (pessoal) de todos!", propondo à reflexão dos profissionais a importância da humanização neste sector da saúde.

Estava lançada uma dinâmica que, nos diversos matizes que viria a adotar, visava comprometer indelevelmente profissionais e a própria instituição numa renovação de processos, metodologias e práticas, que pudesse cunhar o agir desta grande Casa com a chancela da Humanização.

O Padre José Nuno foi indiscutivelmente pedra angular nesta construção. Construção que abria portas ao Serviço de Humanização e, logo, ao Serviço de Cuidados Paliativos, Serviços que o Conselho de Administração (CA) do Hospital de S. João entendeu alocar à sua organização como peças indispensáveis a uma dinâmica assistencial humanamente mais vertebrada.

As questões do morrer humano, não da morte, esse acontecimento biológico universal e, por isso, vulgar, que todos, profissionais e até estudantes, tão bem conhecemos, mas do morrer, tempo biográfico singular na história de cada homem e que, profissionais e até estudantes, não conhecemos tão bem, as questões do morrer, dizia, mereceram grada atenção a estes Serviços, bem como à Comissão de Ética para a Saúde desta instituição. Elaborou-se um Boletim, "Nós e o morrer no Hospital", onde pontifica a emergência de um agir profissional e institucional cuidadoso e específico para este tempo de morrer, que o Hospital, de sempre, conhecia, mas ao qual não tinha ainda dedicado o olhar específico que lhe era devido. E propôs-se a adoção institucional, que foi sancionada pelo CA do Hospital, de uma prática específica, humanizada, na aproximação dos profissionais a quantos vivem no hospital o seu tempo

de morrer. É bom recordarmos que, tratando seguramente muito bem os seus moribundos desde o início da sua existência, o Hospital o fazia suportado na consciência humanizadora de tantos dos seus profissionais, não como exigência assistencial por si mesmo assumida de forma institucional. Foram necessários cinquenta anos para que, em tempo de aleluia, os Cuidados Paliativos vissem no nosso hospital luz definitiva a ombrear com o bem alicerçado deslumbramento que a medicina de ponta tem, de há muito, garantido.

Surge neste contexto a Tese de Doutoramento do Padre José Nuno, que o mesmo justifica como "ato de obediência à Vida" – não como meta em si nem para si mesmo, mas como a própria Vida que, no vencimento deste patamar, compreende e afirma o seu próprio sentido.

O percurso desta tese, cujo "Oriente" foi subtilmente suportado pelos Professores Walter Osswald e Arnaldo de Pinho, inicia-se no reconhecimento da transferência de um morrer doméstico para um morrer institucionalizado. A dura constatação de uma realidade que assiste, em apenas três décadas, à deslocação do leito onde se morre de casa para o hospital, de um morrer com identidade social para um morrer anódino, desidentificado, porventura associar, perturbou a consciência deste Capelão. É por tal que, de seguida, aprofunda medularmente o inovador conceito de deslugarização da morte, numa proposta de vinculação à "re"lugarização do morrer, assim experienciado. Intuindo a deslugarização sociocultural como iminente significado desta deslugarização da morte, o Padre José Nuno alvitra para este *deslugar* a ousadia de tornar-se de novo "lugar", um ainda lugar, institucional embora, mas capaz de, humanizado, poder ser condignamente oferecido a cada um de quantos, aqui, conhecerão o seu morrer.

Nesta viagem académica, reclama a indispensabilidade de uma comunhão integradora das ciências humanas – da antropologia à bioética – para a compreensão de uma dinâmica que olha o morrer dos homens como realidade incontornável que, espraiando-se em cada um de todos, reclama de todos um indeclinável compromisso para com cada um: pessoas e instituição. Num trajeto que traz à colação o pensamento de tantos filósofos versando sobre esta temática, o pensamento do Padre José Nuno atira-nos ainda, de forma "violenta", para um desafio inadiável, pessoal e institucional: "não se serve bem o homem que se concebe mal". Suportado numa densa e intensa, por tal fecunda e fecundante, vida pastoral de capelão hospitalar, disserta por fim sobre esse manto diáfano, humano – os cuidados paliativos –, hoje amarra segura de uma assistência integradora que permitirá desaguar num "cuidar total" como a única resposta possível ao repto de uma "dor total", e que cada um experimenta nesta etapa singular da vida.

Ninguém ficará indiferente a esta lapidar provocação que o Padre José Nuno nos faz e que não é excessivo retomar: "Não se serve bem o homem que se concebe mal." Com o cuidado de não macular esta asserção, permito-me respigá-la para afirmar que "só se pensa bem o morrer se se concebe bem o viver". Desafio maior para a formação dos estudantes e dos profissionais de saúde, cuja resposta reclama reflexão séria a que esta obra dará inegável e qualificado suporte. Se concebermos bem este viver que impregna os humanos, saberemos denegar a eutanásia como a distanásia, recusaremos a obstinação terapêutica como prática assistencial, dispensaremos as diretivas antecipadas da vontade como os testamentos vitais, porque aprenderemos, todos, profissionais e outros atores da saúde, a acolher o morrer como tempo de intensidade, em cuja medula, no dizer de Daniel Faria, o grão de trigo pode rebentar e germinar.

Neste dia festivo que se adentra no arco da vida e que nos balanceia por entre o *deslugar* e o lugar do morrer a que o Padre José Nuno nos convida a refletir, não me posso permitir terminar sem um arremesso de esperança para os Cuidados Paliativos Pediátricos que nos é, também, devido dedicar às crianças no seu tempo de morrer. Oferecemos-lhes já, hoje, o melhor para o seu nascer. Aprontamo-nos para lhes oferecer o melhor para o seu viver, no seu percurso de doença. De que esperamos para lhes oferecer o melhor para o seu morrer? Igualando-nos no tempo de nascer, não nos desigualemos no tempo de morrer! Seremos apenas merecedores desta Tese se não nos dispensarmos de responder condignamente a este acutilante repto.

Somos da espécie humana desde o ovo que nos fundou. Antropologicamente, somos um ser para a morte, assim no-lo diz Heidegger. Mas, para além desta precedência antropológica e numa oportuna concomitância teológica e filosófica, onde a ética mergulha na sua identidade reflexiva, somos muito mais que um ser para a morte. Como lapidarmente no-lo recorda Daniel Serrão, somos inequivocamente um ser até à morte.

Por este Ser que assim se nos apresenta, inteiramente digno até ao fim e de quem, subscrevendo Marie de Hennezel, não nos despedimos, um grande obrigado ao Padre José Nuno por esta magnífica obra que nos legou.

Filipe Almeida